

Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

Samuel Rawet

Uma boa alma me soprou a sugestão de que eu evocasse um dos grandes escritores modernos, que marcou e se deixou marcar por Brasília: Samuel Rawet. Ele figura na lista dos mais talentosos contistas modernos. Logo no início da varredura, percebi que o tema não se esgotaria em uma crônica, mas em várias.

Rapidamente, descobri uma pista preciosa: o cronista Danilo Gomes, que conheceu Rawet e conviveu com ele em Brasília. Danilo publicou entrevista com o escritor em livro e assinou a apresentação de *Contos do imigrante*, publicado pela Editora Horizonte, em que rompe com a família e o judaísmo.

Rawet era engenheiro calculista e integrou a equipe de Oscar Niemeyer na construção de Brasília, ao lado de Joaquim Cardozo. Foi contista, novelista, dramaturgo e ensaísta. Flávio Moreira da Costa incluiu ficção de Rawet na antologia *Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal*. Rawet morreu solitário, em Sobradinho, aos 55 anos. Acompanhemos os passos do caminhante solitário por Brasília pelos olhos de Danilo.

Danilo o conheceu em Brasília quando chegou, em março de 1975, vindo de Belo Horizonte. Em 1976, o filho mais velho, Rodrigo, tinha quatro anos de idade e frequentava o jardim de infância na SQS 303. Danilo o levava à escola quando a mulher não podia fazer isso. Ali, nas imediações, algumas vezes se encontrou com o escritor, naquelas claras manhãs, pois ele, de bermuda, passeava pelas quadras próximas, morador que era de uma delas. Batiam um rápido papo. Estava sempre alegre, risonho. E passava a mão, num gesto paternal, na cabeça do menino Rodrigo.

Encontrava Rawet também nas reuniões da Associação Nacional de Escritores- ANE, então sediada na 415 Sul. Ele era associado e mantinha cordiais conversas. Entrava na roda da cerveja. Em geral, Rawet não demonstrava amargura, tristeza aguda e isolamento. Ele tinha momentos de alegria, confraternização, convivência.

Mas os colegas de associação sabiam que era um prisioneiro da melancolia e mesmo da revolta. Era um solidário convicto. Teve uma vida marcada pela errância, o exílio e o isolamento, como escreveu a ensaísta Stefania Chiarelli nas páginas do caderno *Pensar*, do **Correio**. Danilo lembra que, durante almoço na casa da escritora Branca Bakaj e seu marido, o arquiteto Mário Bakaj, em 2004, o poeta Cassiano Nunes disse: "Samuel Rawet foi uma figura trágica, vangoghiana".

Segundo Danilo, Rawet buscou a solidão para morrer. Nos últimos anos de vida, apresentava sinais de distúrbios mentais, acentuados desequilíbrios de comportamento, mania de perseguição, procura de imaginários culpados para umas tantas mazelas. Entrou num mundo de paranóias. Morreu em 25 de agosto de 1984. Foi encontrado depois de vários dias da ocorrência do óbito, em Sobradinho (DF).

Mas Danilo prefere se lembrar de Rawet de bermuda, alegre sob o sol brasiliano, nas manhãs daquele ano de 1976, afagando a cabeça do filho, hoje com 49 anos. Carinho que ele talvez não tivesse tido quando menino na sua Polônia natal, observa Danilo. E no Rio. O que talvez tenha ajudado a marcar sua dolorosa angústia pela vida afora.

CRIME

O **Correio** entrevistou uma mulher que afirma ter conversado com Daniel Bittar na internet, em 2001, quando ela tinha 14 anos e ele mentiu que era adolescente. Especialista aponta o perigo de deixar crianças sem acompanhamento na rede

Pedófilo desde a juventude

» ARTHUR DE SOUZA
» PEDRO MARRA

Um dos hábitos do pedófilo Daniel Moraes Bittar, 42 anos, preso por sequestrar uma menina de 12, no Jardim Ingá, e estuprá-la na Asa Norte, era o de trocar mensagens pela internet com jovens para saber o endereço, gostos pessoais e até enviar presentes em forma de mimos. Foi o que ocorreu em 2001, quando Mônica Tavares* trocou mensagens com o homem em um site de bate-papo. Com 14 anos na época, ela criou uma amizade de três meses com ele, que mentiu a idade ao dizer que tinha 16 anos, mas que, na verdade, tinha 20.

A primeira pergunta à adolescente foi a cidade onde ela morava. "Nunca tive orientação da minha mãe do que não falar na internet e falei a verdade onde moro. Ele falou que morava na Asa Norte com os pais e com uma irmã, que se chama Carolina", conta. Com uma semana de conversa, Daniel dizia que queria ter um relacionamento sério com a adolescente, o que a assustou por se considerar muito nova para isso. "Eu queria tê-lo somente como amigo, mas ele disse que queria ser mais que um amigo, dizendo 'quero me casar com você'. Em seguida, colocou a irmã dele para conversar comigo, mas nunca dava para saber se era ela mesmo", detalha. Nesse período, o pedófilo a chamou, em duas oportunidades, para visitá-lo em casa, mas Mônica disse que nunca chegou a ir.

Em outro momento das conversas, segundo a jovem, Daniel dizia que a irmã dele estava andando com "gente errada", se envolveu com drogas e depois engravidou. As mensagens em tom duvidoso e insistência para sair assustaram a menina. Daniel percebeu que ela era fã dos desenhos da série de curta-metragem Looney Tunes, perguntou qual era o endereço dela para enviar presentes. "Como eu era ingênua, mandei o endereço e ele me mandou um bichinho de pelúcia do Taz Mania, e um chocolate. Ele pediu para eu vestir uma saia e fazer pose para tirar uma foto dos presentes e mandar para ele. E mandei", recorda a mulher.

Crise de ansiedade

Quando soube que Daniel foi preso por estuprar uma criança de 12 anos, a mulher teve uma crise de ansiedade quando soube dos detalhes. "Quando vi, fiquei muito chocada, passei mal e fiquei com vontade de vomitar. Apesar de não ser uma pessoa próxima, eu tinha uma amizade com ele. Mas sinto vergonha de ter conhecido uma pessoa assim", desabafa.

Perguntada sobre como avalia a conduta do pedófilo, ela o define como um monstro e acredita que Daniel, de fato, é um psicopata, por agir de forma fria, fazendo de tudo para atrair a criança para perto dele. "É uma pessoa que estava sempre fazendo voluntariado. Eu via fotos dele nas redes sociais vestido de palhaço, indo nos hospitais para alegrar crianças. Eu tive muita sorte de não ir encontrar com ele, senão eu poderia ter sido uma vítima", desabafa.

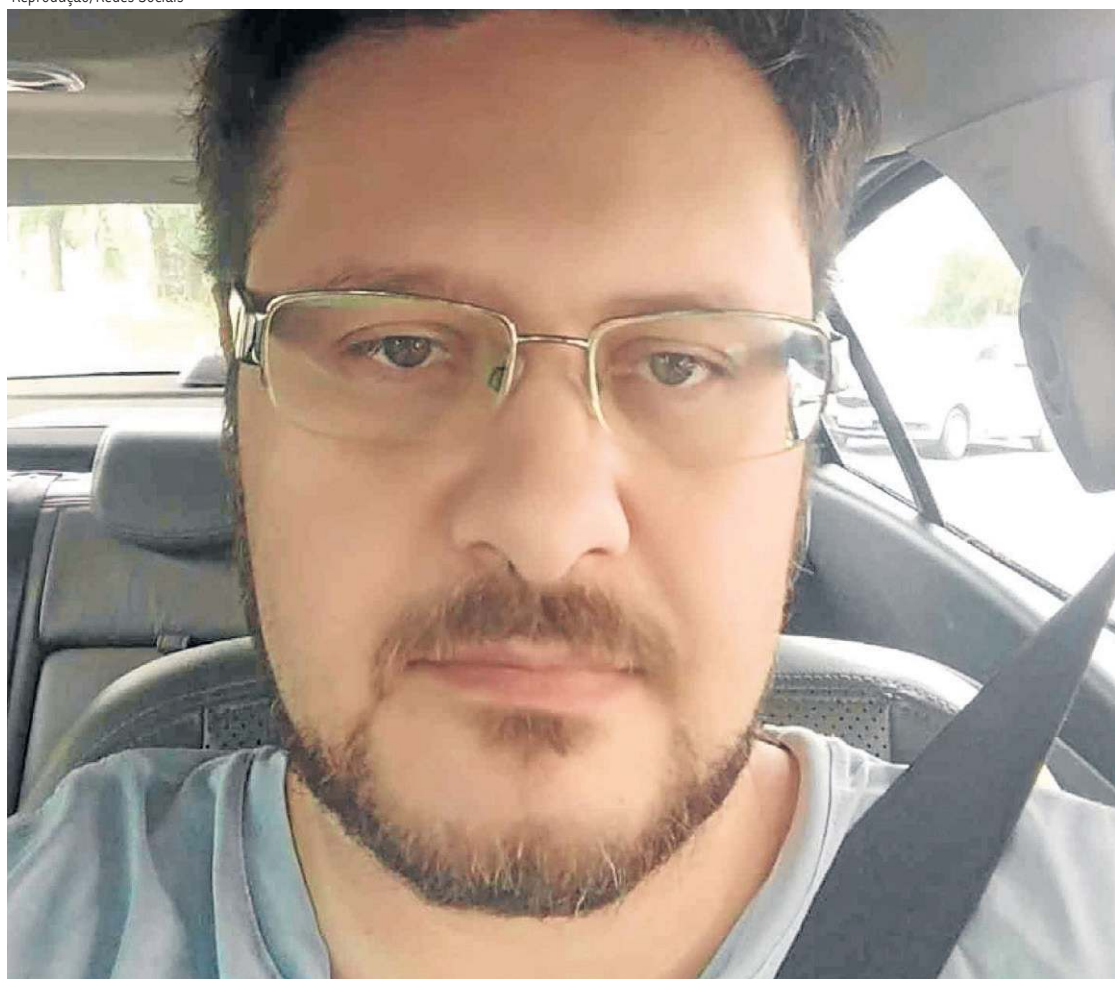
Exposição

A rapidez na denúncia colaborou para que a adolescente raptada por Daniel Bittar fosse resgatada com vida, algo que é enfatizado pela especialista em proteção infantil em escolas e CEO em educação protegida, Katia Dantas, que ressalta a importância de denunciar a pedofilia e o sequestro infantil imediatamente. "No Brasil, temos a Lei da Busca Imediata (11.259/2005), que obriga as autoridades policiais a registrar o sumiço no primeiro momento da desaparição, sem precisar esperar 24h ou 48h. Isso pois cada minuto que a criança está desaparecida é essencial", alerta. "A adolescente, nesse caso, ficou quase 12h em posse do criminoso e sofreu muito. Não é algo irreversível, mas muda completamente a forma dela de ver o mundo. Então, quanto mais pudermos evitar esse tipo de crime, melhor", aponta Katia.

Em relação à prevenção do abuso e sequestro infantil, a especialista traz dicas (confira Fique atento!) e faz um alerta aos pais. "Uma coisa muito importante, é a exposição desnecessária da criança nas redes sociais, isso pode ter um custo muito alto. Os abusadores, muitas vezes, criam perfis em que eles fazem quase que um 'buffet' de opções, com as fotos dos menores", ressalta.

Em contato com o **Correio**, a mãe da criança sequestrada e abusada por Daniel Bittar disse que a adolescente deve ser ouvida nesta semana pela polícia. Em relação ao depoimento da criança, Katia Dantas afirma que é importante entender que, durante o estado de choque, ela pode não ser produtiva na hora de falar. "Isto porque o trauma pode gerar memória fragmentada, respostas emotivas e 'respostas testes' — em que ela fala e depois volta atrás —, prejudicando o relato à polícia", comenta. "Exatamente por essa razão, o depoimento deve ser feito em um ambiente acolhedor, com pessoas altamente capacitadas e treinadas, visando minimizar a exposição da vítima a constantes lembretes desse abuso", avalia.

Reprodução/Redes Sociais



Daniel Moraes Bittar foi preso por sequestrar e estuprar uma menina de 12 anos na Asa Norte

Combate

Ao falar sobre como combater esse tipo de crime, a especialista faz críticas à legislação brasileira. "Toda forma de abuso exige uma resposta muito mais complexa e ampla. Temos uma lei muito frágil, para o que é a defesa dos direitos das crianças. Esse tipo de crime cometido contra a adolescente é hediondo, mas deveria ter penas muito mais altas", opina. "A punição prevista no Art. 245 — que trata sobre a produção, armazenamento e disseminação de pornografia infantil — é extremamente baixa. Uma pessoa que é pega somente por isso, nem vai para a cadeia, pois a pena é de quatro anos de prisão", lamenta.

Além de sugerir leis mais rigorosas, a CEO em educação protegida afirma ser necessário fortalecer o judiciário, "para realmente conseguir lidar com a demanda". "É preciso trabalhar de forma que, uma vez denunciado o crime, ele siga no inquérito, no judiciário, etc., de maneira firme", conclui.

***Nome fictício para preservar a identidade da entrevistada**

Colaborou Mila Ferreira

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Feminicida do Gama continua foragido

» ARTHUR DE SOUZA
» PABLO GIOVANNI

Autor do 20º feminicídio no Distrito Federal, Bruno Gomes Mares continuava foragido, de acordo com a Polícia Civil (PCDF), até o fechamento desta edição. Ele assassinou com um tiro a esposa, Patrícia Pereira de Sousa, na noite de sexta-feira, dentro de casa, na presença do filho do casal, com um tiro no pescoço. No dia do crime, uma sobrinha da vítima, Joyce Pereira de Sousa, disse ao **Correio** que toda a família sabia que Bruno tinha porte de arma.



"(O relacionamento) sempre foi conturbado. Os dois eram muito ciumentos um com o outro. Só que a gente nunca esperava que fosse chegar a esse ponto. Tinha ameaças, sabíamos do porte de arma dele e sempre houve violência, partindo de ambos", comentou Joyce.

De acordo Francisco Antonio da Silva, delegado-chefe da 14ª DP (Gama), Bruno tem registro de caçador, atirador e colecionador (CAC). "Estamos trabalhando desde ontem e continuaremos em diligências, com o objetivo de encontrar o autor", ressaltou.

Revolta

Patrícia era enfermeira no Hospital de Base. A diretoria do Instituto de Gestão Estratégica de Saúde do Distrito Federal (Iges-DF) emitiu uma nota lamentando e repudiando a morte da colaboradora. "É um momento de luto e revolta para todos os colegas, amigos e pacientes da enfermeira lotada no Pronto-Socorro do HBDF, onde Patrícia atuou tantas vezes para salvar vidas", destaca a nota

» Denúncias

Caso alguém tenha informações sobre o paradeiro de Bruno, pode ligar para o telefone 197, opção 0, da Polícia Civil.

Medidas protetivas

O aumento nos feminicídios no DF, no primeiro semestre do ano, com a morte de 20 mulheres, trazia uma constante: o ofensor mantinha ou havia mantido relacionamento com a vítima. O cenário leva o TJDFT, por meio do Núcleo Judiciário da Mulher (NJM), ao alerta da necessidade de comunicação dos casos de violência doméstica. Com a atitude, e aplicação das medidas protetivas de urgência, há efetiva redução nas mortes. Um levantamento mostra que, entre os 162 feminicídios registrados a partir de 2015, quase 70% não tinham histórico de ocorrência contra o autor. "Na imensa maioria dos casos, as medidas protetivas são suficientes para evitar novas violências. O ofensor normalmente é intimado das medidas e não volta a importunar a mulher", explica a juíza Fabriziane Zapata, coordenadora do NJM.

No ano passado, foram concedidas 13.073 medidas protetivas. Até maio de 2023, foram 6.294. Segundo a magistrada, foram registradas 16.849 ocorrências policiais por violência contra a mulher, em 2022. "No mesmo ano, foram 395 casos de descumprimentos de medidas protetivas registrados na Secretaria de Segurança Pública (SSP/DF), ou seja, menos de 2,5% dos casos", informa.

Reprodução/Redes Sociais



Patrícia de Sousa, 41 anos, foi assassinada na noite de sexta-feira